



NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL: O ENCONTRO DE PROFESSORAS COM O PLANEJAMENTO

Lindsey Machado de Oliveira*
Gisele Ruiz Silva**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como professoras da Educação Infantil estabelecem relações com o planejamento pedagógico. A metodologia escolhida para produção e análise dos dados foi a investigação narrativa, tendo como sujeitos de pesquisa três professoras da rede pública municipal da cidade de Rio Grande/RS que atuam na EI. Nele, discute-se acerca do planejamento como um dos elementos-base da prática pedagógica e tecem-se reflexões sobre as diferentes possibilidades de realizar tais práticas. Conclui-se que os caminhos percorridos na formação profissional, cultural e pessoal das professoras influenciam em suas escolhas para a construção do planejamento, evidenciando que a prática docente é atravessada por diferentes concepções que impactam o fazer docente.

Palavras-chave: Docência; Educação Infantil; Planejamento.

TEACHER NARRATIVES ABOUT EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE ENCOUNTER OF TEACHERS WITH PLANNING

ABSTRACT

This article aims to analyze how early childhood teachers establish relationships with pedagogical planning. The methodology chosen for the analysis and production of the data was narrative research, having three teachers from the city of Rio Grande/RS public network who work in EI as research subjects. The article discusses planning as one of the basic elements of the educational practice and reflects on different possibilities of carrying out such practice. In conclusion, the paths taken in professional, cultural and personal training of teachers influence in the construction of planning, showing that the teaching practice is crossed by differing conceptions that impacts itself.

Keywords: Teaching; Early Childhood Education; Planning.

* Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Graduada em Pedagogia – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa ECOINFÂNCIAS, Infâncias, Ambientes e Ludicidade. E-mail: lindseyoliveira1051@gmail.com

** Doutora, Mestre e Pedagoga em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Adjunta do Instituto de Educação e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenadora do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG. E-mail: gisaruzsilva@gmail.com

NARRATIVAS DOCENTES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL: EL ENCUENTRO DE DOCENTES CON LA PLANIFICACIÓN

RESUMEN

Ese artículo tiene como objetivo analizar como maestras de la Educación Infantil establecen relaciones con la planificación pedagógica. La metodología elegida para la producción y análisis de los datos fue la investigación narrativa, teniendo como sujetos de pesquisa tres maestras de la red pública municipal de la ciudad de Rio Grande/RS que actúan en la EI. En él se discute acerca de la planificación como uno de los elementos base de la práctica pedagógica y se tejen reflexiones sobre las distintas posibilidades de realizar tales prácticas. Así se concluye que los caminos recorridos en la formación profesional, cultural y personal de las maestras influyen en sus elecciones para la construcción de la planificación, evidenciando que la práctica docente es traspasada por distintas concepciones que impactan lo hacer docente.

Palabras-clave: Docencia; Educación Infantil; Planificación.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar como professoras da Educação Infantil estabelecem relações com o planejamento pedagógico. Ele é parte de uma pesquisa mais ampla que investigou experiências pedagógicas de professoras de crianças da Educação Infantil e suas influências nas escolhas para desenvolver suas práticas pedagógicas. Aqui assumimos o ato de planejar como um processo que exige não somente nossas concepções sobre infância e Educação Infantil, mas também sobre nossos interesses e atravessamentos de diferentes aspectos que influenciam e constituem nossa prática docente.

Nos cursos de formação de professores, é comum aprendermos sobre a importância do ato de planejar e sobre várias estratégias que podem ser adotadas para sua elaboração. Porém, o que cada professora aciona quando aquilo que planejou para o encontro com as crianças toma um rumo inusitado? Diante dessa questão, motivamo-nos a buscar algumas pistas junto a três professoras da Educação Infantil.

A metodologia adotada para a produção e a análise dos dados foi a investigação narrativa, tendo a entrevista e o questionário como estratégias para a produção dos dados a serem analisados. Tais estratégias foram adotadas a fim de atender às necessidades específicas das participantes e dar-lhes mais protagonismo, enfatizando e valorizando suas narrativas, como salientam os autores Cintra, Correia e Teno (2020).

Participaram da pesquisa três professoras da rede pública que atuam na Educação Infantil da cidade de Rio Grande/RS. Realizamos o contato com as professoras de maneira informal em um primeiro momento, como uma forma de mapear possíveis participantes.

Como estratégia de formalização do convite, as professoras receberam uma carta-convite digital, que contava a proposta da pesquisa e o que motivou o nosso interesse pela temática. Após o aceite oficial das professoras, cada uma recebeu, analisou e, por fim, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando formalmente com a participação no estudo.

Em seguida, foi combinado com cada participante a maneira mais viável de nos concederem as narrativas. Assim, via Google Meet¹, conversamos com a Professora 1, e via WhatsApp², com as professoras 2 e 3. Para configurar uma base comum a todas as participantes, organizamos um roteiro de questões como forma de conduzir as conversas para o objetivo da pesquisa. Vale ressaltar que não nos interessa atribuir juízo de valor às narrativas docentes, mas visibilizar a existência de múltiplas possibilidades para exercer a docência e construir seus planejamentos, enfatizando que cada professora se ancora naquilo que mais se identifica.

No texto que segue, aprofundamos o debate em torno das questões metodológicas. Na sequência, trazemos uma discussão acerca do planejamento e reflexões sobre as diferentes práticas pedagógicas. Em continuidade, discutimos as narrativas das professoras participantes da pesquisa sobre seus encontros com as crianças e com o planejamento. Por fim, apresentamos as considerações finais, onde pontuamos as possíveis conclusões e reflexões acerca desta pesquisa.

AS PROFESSORAS E SUAS NARRATIVAS EM TORNO DO PLANEJAMENTO

A fim de conhecer um pouco do perfil das professoras participantes da pesquisa, apresentamos uma pequena descrição a respeito delas. A professora 1 é formada em Pedagogia, atua há mais de 20 anos como professora da Educação Infantil, já trabalhou na rede privada e municipal e atualmente é regente de uma turma de crianças de 3 anos. A professora 2 é formada em Pedagogia; é especialista em Psicopedagogia e mestre em Educação; atua há 10 anos na Educação Infantil e é regente em uma turma de crianças de 5 anos. Já a professora 3 fez a primeira graduação em Letras e a segunda em Pedagogia; possui Mestrado em Políticas Públicas; atua há 1 ano na Educação Infantil e é regente em uma turma de crianças de 4 anos.

Evidenciamos a formação das professoras a fim de ressaltar que não são somente os anos de experiência na carreira que podem subsidiar as práticas pedagógicas, mas também

1 De acordo com a própria definição disponível no Google, o Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pela plataforma do Google.

2 WhatsApp, de acordo com a definição disponível no Google, é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos, além de fazer ligações grátis por meio de uma comunicação com a internet.

os caminhos percorridos na formação profissional, cultural, pessoal, como, por exemplo, a identificação com uma concepção, um(a) autor(a) entre outras possibilidades. Ou seja, não é somente a formação que exerce certa preponderância nas escolhas pedagógicas, mas sim uma fusão entre esse processo formativo com escolhas pessoais de cada profissional e trocas de saberes com outros(as) docentes ao longo da caminhada, gerando, assim, múltiplas possibilidades de exercer a docência.

Conforme anunciamos, este artigo tem como foco a relação das professoras com o planejamento, assim, propomo-nos refletir sobre como as vivências individuais docentes podem transparecer nos caminhos escolhidos para pensar e organizar o seu planejamento. Entretanto, antes de imergir na análise das narrativas das professoras, para ampliar a questão sobre o que é o planejamento, amparamo-nos em uma autora e um autor que também discutem sobre essa temática, Luciana Ostetto (2000) e Paulo Fochi (2015).

Para Ostetto, em seu texto “Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios”, planejar é pensar um possível roteiro flexível, nas palavras da autora:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica (OSTETTO, 2000, p. 1).

Já para Fochi (2015, p. 1), planejamento pode ser caracterizado como:

[...] [uma] ideia [que] não está direcionada a um conjunto de aulas ou atividades e, tampouco, as propostas relacionadas às datas comemorativas. Planejar é fazer um esboço mais amplo sobre a gestão do tempo, sobre a organização dos espaços, sobre a oferta de materiais e sobre os arranjos dos grupos.

Ainda, Fochi (2015) amplia o conceito de planejamento, apontando a ideia de planejar o contexto e planejar a sessão, sendo o planejamento de sessão algo que está dentro do planejamento de contexto. Planejar o contexto, segundo o autor, significa considerar as questões mais básicas das crianças, como os atos de higiene e de alimentação, por exemplo, mas de forma não mecanizada pelos adultos, com horários destinados para cada situação.

Fochi propõe que “planejar o contexto para que as crianças possam aprender a comer implica romper a prática comum nas instituições de cada turma ter 15 ou 20 minutos para se alimentar” (2015, p. 2). O autor destaca ainda que

se as crianças estão descobrindo as ações operativas do ato de comer (servir o seu prato, utilizar colher, garfo ou faca, beber no copo, compartilhar esse momento com seus pares, saborear o alimento para criar hábitos saudáveis de alimentação), é provável que o tempo reservado não dê conta de atender às suas necessidades (2015, p. 2).

Assim, faz-se necessário planejar situações que possam promover tais aprendizagens, que um olhar rápido poderia chamar de naturais, mas que não o são. Planejar o contexto significa, dessa forma, considerar todos os elementos envolvidos nas ações mais triviais do dia com as crianças, considerando, principalmente, o tempo.

Planejar a sessão, para o autor, está dentro do planejar o contexto. A sessão sempre nasce de uma ideia de querer entender determinada situação. Portanto, Fochi explica: “A ideia de sessão está voltada para um espaço de tempo em que um grupo de crianças está em atividades. Trata-se de um conjunto aberto de possibilidades que a proposição do adulto pode favorecer aos pequenos.” (2015, p. 3). Nesse sentido, planejar a sessão inclui pensar os materiais, o espaço, o tempo, mas amplia para o objetivo de responder a uma investigação específica, em que estão inclusas as intervenções do adulto.

Sendo assim, é importante ressaltar que está presente na Resolução N° 5, de 17 de dezembro de 2009 – onde foram fixadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – que, ao elaborar os seus planejamentos, as professoras e os professores precisam colocar a criança como o centro da ação, não o adulto, não o(a) docente. Kramer e Barbosa (2016), ao analisar a referida resolução, auxiliam-nos na interpretação da importante frase que consta no documento: “As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular [...]”. (BRASIL, 2009, p. 1). Segundo as autoras,

Isso quer dizer que precisamos considerar os interesses infantis, associando cuidado e educação, interação, ludicidade e brincadeira. Devemos assegurar todos os direitos das crianças, como movimentação em espaços amplos, contato com a natureza, liberdade para se expressarem e condições para se desenvolverem integralmente, tendo suas experiências e seus saberes articulados com os conhecimentos sociais e culturais, sem estipular conteúdos prévios (2016, p. 58).

A partir de tais pontos sobre as peculiaridades do planejamento na Educação Infantil, colocamo-nos a refletir sobre a perspectiva das professoras participantes da pesquisa, tomando como ponto de partida suas narrativas em torno da seguinte questão: “O que é, para você, planejar na Educação Infantil?”

Planejar para a Educação Infantil acho que dentro do meu planejamento tá muito relacionado com o ouvir a criança, ouvir o que ela me traz, ouvir onde é que está o interesse e as necessidades dela. (PROFESSORA 1, 2022)

Planejar é momento de reflexão, de atrelar os objetivos da Educação Infantil com os interesses e com as necessidades apontadas pelas crianças e pela turma. Planejar é um instrumento essencial para propiciar ao professor a relação teórica e prática no contexto educativo e garantir os direitos da infância. (PROFESSORA 2, 2022)

Planejar na Educação Infantil é proporcionar de maneiras lúdicas estratégias dirigidas para o desenvolvimento infantil, de acordo com marcos do desenvolvimento de faixa etária. (PROFESSORA 3, 2022)

Como trouxeram as professoras 1 e 2, para planejar é muito importante ouvir as crianças, porque elas, quando chegam à escola, trazem variadas e diferentes histórias nas suas bagagens acompanhadas de muitas perguntas que, em geral, ainda não possuem as respostas (CARVALHO; FOCHI, 2016). Por isso, como salientaram as docentes, é fundamental buscar compreender o ponto de vista infantil para determinada situação ou ação, quais são de fato seus interesses, curiosidades, necessidades. Assim: “se as crianças são portadoras de teorias, interpretações, perguntas e são coprotagonistas dos processos de construção de seu próprio conhecimento, o verbo mais importante que deve guiar a ação educativa não é falar, explicar ou transmitir, mas sim escutar” (RINALDI, 1998, p. 08).

Não é deixar a prática chegar ao espontaneísmo, onde reforçamos que nessa escrita esse termo assume a interpretação de quando a docente não compreende os instrumentos ou estratégias de que se utiliza para exercer a docência, apenas age a partir da compreensão de que é algo inerente à necessidade humana, mas sem observar ou “assumir a criança como o ator principal do cotidiano da Educação Infantil [, o que] implica planejar esse cotidiano levando em conta o ponto de vista da criança, seu jeito de conhecer e interagir com o mundo, seu modo de se expressar através das mais diferentes linguagens” (KRAMER; BARBOSA, 2016, p. 58).

Logo, é percebida a importância de uma prática reflexiva, de a professora desenvolver estratégias que ajudem na reflexão da sua prática pedagógica, uma autoavaliação do que saiu como planejado e o que não, sobre as interações das crianças perante a proposta: “[...] que o planejamento seja resultado da observação e da documentação que a professora constrói a partir da relação cotidiana com as crianças.” (KRAMER; BARBOSA, 2016, p. 58-59).

Seguindo com a discussão sobre o planejamento, fizemos outra pergunta para as docentes: “Para você, o planejamento é importante na EI? Por quê?”

Sim, é tudo. Porque, através do planejamento que a gente vai costurando esses retalhos que as crianças vêm trazendo, que a gente vai realmente construindo essa proposta com as crianças. Eu faço muito a escuta da criança, eu acho que o momento da rodinha, o momento de conversa que a gente senta e conversa, a gente deixa muita coisa alinhada com as crianças. (PROFESSORA 1, 2022)

Penso que o planejamento é importante porque ele possibilita ao professor estudo, reflexão, uma busca contínua sobre os desafios da sala de aula e sobre os interesses apontados pelas crianças. É através do planejamento que buscamos estratégias para auxiliar e potencializar as crianças no desenvolvimento infantil. (PROFESSORA 2, 2022)

O planejamento é muito importante não só na Educação Infantil, mas também para nossa vida, não basta querer alcançar algo. É necessário avaliar os caminhos para organizar um processo de antecipação de decisões, qual objetivo quero chegar? Identificar e organizar o tempo das ações para alcançar os objetivos propostos. (PROFESSORA 3, 2022)

Fica evidente nas narrativas das professoras que é necessário planejar por que não podemos sustentar nossa prática pedagógica “[...] num espontaneísmo ingênuo, que supõe que a criança aprende naturalmente.” (REDIN, 2017, p. 22). Mesmo que existam diferentes formas de planejar, como já salientou Ostetto (2000), por datas comemorativas, áreas do conhecimento, temáticas, é fundamental a existência do planejamento como um mapa que expressa nossas concepções pedagógicas.

Segundo Azambuja, Conte e Habowski (2017),

Pensar o planejamento e a rotina da Educação Infantil é uma forma de garantir um melhor aproveitamento do potencial vivido pelos participantes, propiciando momentos de brincadeiras, experimentações e aprendizados coletivos, pois, ao planejar suas aulas, o professor deveria preocupar-se em despertar situações de interação entre as crianças para que juntas compartilhem experiências, valores afetivos e laços sociais para suas vidas (p. 162).

Infelizmente, ainda é presente em alguns discursos a ideia de que o planejamento é só mais uma parte burocrática da escola, que desencadeia uma mecanização do trabalho docente, que muitas vezes tenta reaproveitar planejamentos de anos anteriores. No entanto, as professoras participantes da pesquisa se mostram contrárias e essa ideia quando expressam em suas narrativas que é fundamental a existência do planejamento, corroborando o que apresenta Fusari: “Ele [o planejamento] deve ser concebido, assumido e vivenciado no cotidiano da prática social docente, como um **processo de reflexão**” (1998, p. 45, grifo do autor).

Contudo, o que fazer quando o planejamento não dá certo? Como anunciamos na introdução desta escrita, era, para nós, urgente, entender o que fazem as professoras quando o planejamento não acontece como o esperado. Isso surge porque parece existir uma ansiedade pedagógica de que seja fundamental prever tudo o que pode vir a acontecer no encontro com as crianças. Sendo assim, parece-nos que a possibilidade de não acontecer o que foi planejado não existe, porque inclusive a possibilidade de escapar ao planejamento é algo previsto no próprio planejamento. Essa previsibilidade do imprevisto é tão esperada e possível que caracteriza

o planejamento com a ideia de flexibilidade. O planejamento é flexível, assim, escapar a ele também é planejado.

Nesse sentido, a partir dos estudos de Silva (2019), podemos compreender que, talvez, a origem dessa inquietude seja oriunda da própria pedagogia moderna, uma pedagogia prescritiva, normatizadora e moralizante que constrói nos professores essa necessidade – quase uma exigência – de ter que dar conta e ter controle de tudo o que se passa na prática educativa.

Então, para conhecer algumas das estratégias possíveis para essa situação, perguntamos para as professoras: “O que você faz quando o que estava previsto no planejamento não acontece?”

Assim, a gente sempre tem que ter algumas cartas na manga, então eu sempre tenho um joguinho, trazer brincadeiras dirigidas. Às vezes, quando a gente planeja e não acontece, não tem interesse ou em dia de chuva, nem tá chovendo tanto, mas o planejamento era algo muito legal e eu gostaria de proporcionar para todos ou para a grande maioria do que só para 3 ou 4, então já penso em outras estratégias para fazer naquele momento, de construir com aquele grupo que está presente para também não perder aquele momento que também foi pensado, mas, ao mesmo tempo, alguma coisa tem que acontecer, porque a gente tem que considerar aqueles que estão presentes. (PROFESSORA 1, 2022)

Hoje em dia, lido muito bem, aprendi, através da escuta das crianças e da observação, que a flexibilidade é indispensável. Aproveito quando algo não sai como planejei (e isso ocorre com frequência, principalmente considerando os tempos que as crianças se envolvem muitas vezes mais em algumas propostas do que o esperado, ou vice-versa) sempre para refletir e partir de outras estratégias, rever minha prática e o que não deu certo e tentar de outras formas, mas sempre escutando e observando os interesses das crianças para compreender o que não deu certo e aperfeiçoar nos planejamentos futuros. Também não consigo planejar com antecedência além de semanal (no máximo) porque senão o planejamento fica distante dos interesses das crianças e do que vem mobilizando eles nos tempos e espaços disponibilizados. A infrequência é fator de muita frustração ainda em relação ao planejamento, pois gostaria que todos sempre estivessem presentes. (PROFESSORA 2, 2022)

No início, ficava chateada me culpando, hoje percebo que, na Educação Infantil, temos que aprender a adaptar, ser paciente, repensar e mudar, pois tenho problema com frequência escolar, sendo assim, muitas vezes, não conseguindo dar sequência no planejamento (semanal), tendo que readaptar as interações ou até mesmo juntar com a turma ao lado por ter apenas uma criança. (PROFESSORA 3, 2022)

A partir das narrativas das professoras, percebemos que se evidencia a ideia de que é sempre importante ter criatividade e flexibilidade para encontrar o potencial naquilo que o momento está oferecendo. Apesar de todas as conversas e trocas de experiências possíveis no espaço escolar e coletivo de professores, jamais será possível repetir planejamentos ou usar

as mesmas “cartas na manga”³ de um grupo com outro, pois são variáveis de cada turma, de cada criança e de cada professora.

Além disso, ao longo de sua carreira, as professoras constroem saberes pedagógicos de múltiplas formas, seja através de cursos de formação continuada, seja em trocas de experiências com outros colegas nos mais diversos espaços. Tais saberes acabam por ser, de uma forma ou outra, acionados em sua prática pedagógica, o que lhes permite acreditar que, mesmo que o planejamento não transcorra como o previsto, elas, pelo conhecimento pedagógico que possuem, sabem o que podem desenvolver junto às crianças da Educação Infantil, o que lhes permite lançar mão de diferentes estratégias para desenvolver com as crianças outras propostas que não estavam previstas/planejadas para aquele momento.

Porém, isso não significa renunciar ao planejamento, mas compreender que o planejamento é mais do que uma prescrição de lista de atividades. Como trouxe a professora 2, planejar é a oportunidade de rever e refletir sobre a própria prática, conhecer o grupo e quem são essas crianças, pensar estratégias que oportunizem outras experiências que podem ser agregadas à prática pedagógica. Isso só é possível porque essas professoras possuem um vasto conhecimento construído sobre o trabalho pedagógico com a Educação Infantil, sobre os múltiplos saberes e linguagens que a constitui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, que teve como objetivo analisar como professoras da Educação Infantil estabelecem relações com o planejamento pedagógico, tecemos reflexões acerca do planejamento, que percebemos como um dos elementos fundamentais da profissão docente. Com isso, é fundamental compreender que o planejamento não é para ser significado como apenas uma lista de atividades, mas sim como uma estratégia pedagógica de reflexão sobre a própria prática, sobre as crianças e sobre a docência.

Ainda é possível concluir que, como o planejamento é um dos elementos-base da prática pedagógica do professor, é fundamental desconstruir a ideia de que o planejamento pode ser repetido ano a ano, com turma a turma. Isso porque, além de ir contra as orientações documentais de que a criança tem que ser protagonista do seu processo de educação, ainda

3 Usamos a expressão “cartas na manga” nos referindo a um jargão recorrente entre docentes, que anuncia um plano reserva, uma atividade já elaborada, que pode ser usada quando a atividade principal não atinge seu objetivo ou não é suficiente para dar conta do encontro com as crianças. Ter uma atividade extra é como uma “carta na manga” em um jogo, nesse caso, no jogo da ação pedagógica.

faz com que o trabalho docente seja reduzido à perpetuação de práticas sem sentido e significado para a atualidade das crianças e da sociedade.

Sendo assim, após dialogar com os autores e interpeladas pelas narrativas das professoras participantes desta pesquisa, percebemos que ser professora é ser atravessada por diferentes concepções que impactam nas nossas escolhas pedagógicas. Ser docente é muito mais que ter uma profissão, é um modo de viver, é ver recursos em potencial em qualquer lugar e não dá para “desligar” e “ligar” o modo docente, porque isso é o que somos.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Paula Lima; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. O planejamento docente na Educação Infantil: metamorfoses e sentidos ao aprender. **Pesquisa em Foco ISSN (2176-0136)**. São Luís, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1503/1166. Acesso em: 13 dez. 2022.
- BRASIL. Resolução N° 5, de 17 de Dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em 19 dez. 2022.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio. “O muro serve para separar os grandes dos pequenos”: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil”. **Texturas**, Canoas, v. 18, n. 36, p. 153-170, jan./abr. 2016.
- CINTRA, Sones Lei Aparecida Domingues; CORREIA, Léia Bernal Sanches; TENO, Neide Araújo Castilho. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas / Narrative research: A methodology to understand formative experiences. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 66451–66463, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16333>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- FOCHI, Paulo. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Pátio Educação Infantil**, n° 45. Outubro, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Fochi/publication/319653821_Planejar_para_tornar_visivel_a_intencao_educativa/links/59b85011a6fdcc68722cbc3f/Planejar-para-tornar-visivel-a-intencao-educativa.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.
- FUSARI, José Cerchi. O Planejamento do Trabalho Pedagógico: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas. **Artigo Série Idéias** n° 8. São Paulo: FDE, 1998. p. 44-53. Disponível em: http://www.crmario.covas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: 19 dez. 2022.
- KRAMER, Sonia; BARBOSA, Sílvia Néli Falcão. Observação, documentação, planejamento e organização do trabalho coletivo na educação infantil. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Currículo e linguagem na educação infantil**. – 1.ed. – Brasília: MEC /SEB, 2016. p. 49-78.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2000. Disponível em: <https://drb-m.org/av1/29PLANEJAMENTONAEDUCACAOINFANTIL.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- REDIN, Marita Martins. Planejamento na Educação Infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In: REDIN, Marita Martins, et. al. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. 4ª. ed. Porto Alegre: Mediação: 2017.
- RINALDI, Carla. Los pensamientos que sustentan la acción educativa. **Revista Infancia**, educar de 0 a 6 años, n. 50, p. 4-18, jul./ago. 1998.
- SILVA, Gisele Ruiz. **Discursos de verdade nas práticas de escolarização com crianças pequenas: uma arte pedagógica na atualidade**. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.